



# Anais do II Encontro Internacional Tecnologia, Comunicação e Ciência Cognitiva

Apoio:  FAPESP



Volume 2, Número 1, Ano 2016  
ISSN: 2358-4513

## Repensando as áreas do Jornalismo e Educação a partir das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação<sup>1</sup>

Cláudia Maria Arantes de Assis Saar<sup>2</sup>

Ana Graciela Mendes Fernandes da Fonseca Voltolini<sup>3</sup>

Universidade Metodista de São Paulo (UMESP)

### Resumo

Este artigo traz uma discussão sobre as áreas do Jornalismo e Educação a partir da disseminação e difusão das tecnologias digitais de informação e comunicação. A discussão é fruto das reflexões que compõe as pesquisas que vem sendo realizadas pelas autoras do artigo. Assim, tanto no Jornalismo, quanto na Educação, verifica-se que essas tecnologias tem impactado e provocado discussões. As possibilidades propiciadas pela Internet, computadores, dispositivos móveis e os recursos agregados a esses elementos provocam questionamentos sobre processos que afetam essas duas áreas, como a produção, acesso e a maneira como lidar com o conteúdo e a informação.

**Palavras-chave:** Tecnologias digitais de informação e comunicação; Jornalismo; Educação.

### Tecnologias no Jornalismo: Espaço Colaborativo, Multicanais e Muitas Vozes

Com as novas tecnologias de informação e comunicação, uma das possibilidades que se destacam para o jornalismo é a possibilidade de interação, agregação e/ou produção entre o conteúdo e o consumidor. Assim, conteúdo colaborativo vem ganhando destaque no cenário da comunicação. Pesquisadores dessa temática, Primo e Träsel (2006, p.9), acreditam que jornalismo participativo/colaborativo está associado a “práticas desenvolvidas em seções ou na totalidade de um periódico noticioso na web, onde a fronteira entre produção e leitura não pode ser claramente demarcada ou não existe”. Esse pressuposto parte da vertente em que o conteúdo pode ser produzido por pessoas sem experiência jornalística, porém, que sentem vontade de participar ou interagir com a informação. Assim:

---

<sup>1</sup>Trabalho apresentado no GT 1 Comunicação, Tecnologias Digitais Conectadas e Cognição, II Encontro Internacional de Tecnologia, Comunicação e Ciência Cognitiva.

<sup>2</sup> Doutoranda em Comunicação Social na Universidade Metodista de São Paulo. E-mail: [clauarantes@hotmail.com](mailto:clauarantes@hotmail.com).

<sup>3</sup> Doutoranda em Comunicação Social na Universidade Metodista de São Paulo. E-mail: [fonsecaanagraciela@gmail.com](mailto:fonsecaanagraciela@gmail.com).



# Anais do II Encontro Internacional Tecnologia, Comunicação e Ciência Cognitiva

Apoio:  FAPESP



Volume 2, Número 1, Ano 2016  
ISSN: 2358-4513

[...] uma nova identidade está sendo construída, não por um retorno à tradição, mas pela manipulação de matérias tradicionais para a formação de um novo mundo divino e comunal, em que massas excluídas e intelectuais marginalizados possam reconstruir significados em uma alternativa global à ordem mundial excludente (CASTELLS, 1999, p. 23).

Podemos pensar que essa ‘alternativa global à ordem mundial excludente’, citada por Manuel Castells possa, através da rede mundial de computadores, dar voz e vez às pessoas, independente de raça, gênero, hábitos, cultura, etc. E nesse sentido, com tantas alternativas possibilitadas pela internet, atualmente é possível encontrar diversos espaços dedicados a colaboração de interagentes<sup>4</sup>. Dessa forma:

O aparecimento de espaços colaborativos em jornais digitais demonstra a apropriação do modelo de construção de notícias a partir da contribuição de amadores, que se consolidou na cauda longa<sup>5</sup> da informação [...]. Verifica-se a potencialização da interação com o público, bem como a mudança de seu papel no ciclo informativo. Mesmo existindo regras e seletividade na publicação do que é enviado por amadores, a abertura aos cidadãos nas seções colaborativas tem formato inédito. Nesse sentido, percebe-se uma ruptura que envolve parte importante da lógica comunicacional tradicionalmente seguida no jornalismo (BELOCHIO, 2008, p.3-4).

Dessa maneira, a lógica jornalística que antes iniciava na pauta, ia para a apuração e produção da notícia até que essa se tornasse o produto final, nesse novo contexto comunicacional-tecnológico inverteu alguns papéis e utiliza de mão de obra colaboradora para tentar divulgar informações em primeira mão. E um dos benefícios dessa prática para o jornalismo é que, o jornalista não consegue estar em todos os lugares no momento exato do fato, porém, com essa proposta colaborativa, é possível ter informações diversas e de diversas localidades.

O detentor de um equipamento que fotografe ou filme, facilmente pode se transformar num potencial interagente. E esse fenômeno está cada vez mais se expandindo devido a gama de recursos que aparatos tecnológicos, como *smartphones*, possibilitam a seus usuários.

---

<sup>4</sup> Termo criado por Alex Primo para determinar o indivíduo que participa efetivamente da produção e interação de conteúdos na rede.

<sup>5</sup> Termo cunhado por Chris Anderson, e que referia-se inicialmente a uma ideia genérica de nichos, ou núcleos da economia. Posteriormente, esse termo foi adotado pela comunicação, numa tentativa de explicar diversificados nichos, especialmente a possibilidade de incorporar novos públicos graças as conectividade em informações primárias e produção de hiperlinks que estão diretamente ligadas a seus comentários e conteúdos.



# Anais do II Encontro Internacional Tecnologia, Comunicação e Ciência Cognitiva

Apoio:  

Volume 2, Número 1, Ano 2016  
ISSN: 2358-4513

Assim, se torna perceptível que os meios de comunicação estão sofrendo influências de outras variáveis, como as Tecnologias da Informação e Comunicação, por exemplo. As TICs auxiliam na proliferação de conteúdo colaborativo pois permitem fazer “a reunião dos meios audiovisuais, informáticos e comunicacionais que permitem criar, armazenar, recuperar e transmitir informação em grande velocidade e em grande quantidade” (MONTEIRO e PINHO, 2007, p.107).

Então, é impossível afirmar que o papel de reportar informações é apenas do jornalista profissional. A cada minuto que passa, um fato pode ser gravado e postado nas redes por qualquer indivíduo e nesse sentido a Tecnologia de Informação e Comunicação “aproximou os produtores da audiência e também permitiu que ‘amadores’ se convertam, também, além de consumidores da informação, em criadores de conteúdo jornalístico” (LIMA JÚNIOR, 2009, p. 2). Nesse mesmo sentido Castells (2006, p.225) afirma que:

É um período histórico caracterizado por uma revolução tecnológica centrada nas tecnologias digitais de informação e comunicação, concomitante, mas não causadora, com a emergência de uma estrutura social em rede, em todos os âmbitos da atividade humana, e com a interdependência global desta atividade. É um processo de transformação multidimensional que é ao mesmo tempo incluyente e excluyente em função dos valores e interesses dominantes em cada processo, em cada país e em cada organização.

Esses processos fizeram com que os veículos de comunicação tivessem que se adaptar rapidamente e forçou, de uma maneira ou de outra, com que os indivíduos também se adaptassem a nova maneira interativa de dar, receber, compartilhar, adaptar informação. Pois, atualmente o fluxo informativo tem alterado sua rota, e nós, pesquisadores, necessitamos mudar a maneira como lidamos com ele, uma vez que a informação produzida pelos interagentes parece vir de diversas direções e encontram na internet um espaço de latência e ganham amplitude.

Fenômeno esse difícil de ser alcançado por veículo broadcast, em que um emissor visa atingir o maior volume de pessoas. Nessa vertente, “As mídias massivas são mídias de informação, emitindo de um pólo centralizado para uma massa de receptores” (LEMOS, 2007, p.10).



## Anais do II Encontro Internacional Tecnologia, Comunicação e Ciência Cognitiva

Apoio:  

Volume 2, Número 1, Ano 2016  
ISSN: 2358-4513

Embora pareça uma concorrência desleal, uma vez que o volume de informações disseminadas na rede é maior que o veículo broadcast, atualmente esses veículos massivos estão buscando espaços e se inserindo no contexto da internet, além de buscarem artifícios da comunicação colaborativa em suas programações televisivas, radiofônicas, etc.

No entanto, a credibilidade para veículos broadcasts é de suma importância, pois a existência da programação, o ganho de recursos financeiros, dentre outros fatores dependem diretamente disso. Assim, fazer com que o público tenha confiança na informação transmitida por esses veículos de informações é imprescindível, uma vez que o receptor não terá condições de checar a veracidade da informação.

Nesse cenário, entender que o ‘Sistema Perito’, também conhecido por ‘Expert System’ proposto por Giddens (1990) pode ser uma maneira de entender alguns fenômenos, especialmente se pensarmos que grande parte da população que consome conteúdo broadcast acredita que as informações recebidas são verídicas, uma vez que elas são produzidas com competências técnicas. De acordo com Ana Brambilla (2006, p. 200):

Projetos que se pretendem informativos de caráter noticioso e não contem com o trabalho de jornalistas poderão seguir o modelo *open source* de produção, mas sua classificação como projetos de “jornalismo” podem ser colocadas em xeque por não contarem com o trabalho do profissional tampouco garantir os valores que caracterizam em essência um noticiário.

Para analisar melhor essa perspectiva, faz-se necessário entender que:

Em consequência da ação dos jornais, da televisão e dos outros meios de informação, o público sabe ou ignora, presta atenção ou descarta, realça ou negligencia elementos específicos dos cenários públicos. As pessoas têm tendência para incluir ou excluir dos seus próprios conhecimentos aquilo que o *mass media* incluem ou excluem do seu próprio conteúdo. Além disso, o público tende aquilo que esse conteúdo inclui uma importância que reflete de perto a ênfase atribuída pelos *mass media* aos acontecimentos, aos problemas, às pessoas (SHAW; McCOMBS, 1972, p.96).

Esse fenômeno supracitado pode ser visto através da Teoria do Agendamento. E nesse sentido, para Noelle Neumann (1973) existem três características básicas dessa teoria, que seriam:



## Anais do II Encontro Internacional Tecnologia, Comunicação e Ciência Cognitiva



Volume 2, Número 1, Ano 2016  
ISSN: 2358-4513

- Acumulação – refere-se a capacidade da mídia de fazer com que algum acontecimento mantenha relevância;
- Consonância – Quanto mais uniformizado for o processo de produção da informação mais significativo ele será;
- Onipresença – refere-se ao fato de a mídia estar inserida em todos os lugares e possuir o consentimento dos consumidores de informação.

Assim, é possível notar esses três fatores em veículos broadcast. Por exemplo: podemos encontrar a acumulação nos desdobramentos informacionais das matérias, como ocorrem nas suítes, que é a complementação ou desdobramento do acontecimento. Enquanto que a consonância representa a padronização dos parâmetros ou modelos jornalísticos já existentes. Já a onipresença pode ser entendida como a disseminação dos veículos de comunicação como redes afiliadas em diversos locais.

Porém, entender os atuais fluxos informativos não é tarefa simples, uma vez que temos uma gama gigantesca de variedade e intensidade de fontes informativas alternativas, possibilitadas pela rede mundial de computadores. Dessa forma, é impossível negar que as novas mídias, ou novos canais, vêm tencionando a produção e veículos broadcasts, e esse modelo de transmissão um-para-muitos sofrendo muitos impactos. Esse fenômeno é denominado por Lemos (2006) como “liberação do polo emissor”, na qual a comunicação segue várias direções, deixando de ser de um-para-muitos e tornando-se de muitos-para-muitos<sup>6</sup>. Assim, “o melhor exemplo disso é o computador pessoal, que pôs todas as coisas, desde as máquinas de impressão até os estúdios de produção de filmes e de músicas, nas mãos de todos” (ANDERSON, 2006, p.52).

Porém, “a concentração e diversificação das indústrias da mídia levou à formação de conglomerados de comunicação que possuem grandes interesses numa variedade de indústrias ligadas à informação e comunicação” (THOMPSON, 1995, p.258). Nesse sentido, voltamos Noelle Neumann (1973) quando trata da terceira característica do agendamento, que é a ‘Onipresença’. Para Gisela Taschner (1992) há um conjunto de empresas que possuem diversas ramificações, que trabalham em várias

---

<sup>6</sup> Considerada pós-massiva, “permitem a comunicação bidirecional através de um fluxo de informação em rede” (LEMOS, 2007, p.10).



## Anais do II Encontro Internacional Tecnologia, Comunicação e Ciência Cognitiva

Apoio: 



Volume 2, Número 1, Ano 2016  
ISSN: 2358-4513

frentes e assim se expandem tanto interna quanto externamente. Desse modo, atualmente podemos encontrar algumas mudanças nos veículos broadcasts que antes eram características amarradas a um modelo de negócio estruturado e fechado, porém, com as novas ferramentas tecnológicas, possibilidades de interação, novas formas de comunicação, atualmente há uma abertura quanto a cobertura de informações por parte dos veículos tradicionais:

A globalização da comunicação no século XX é um processo dirigido principalmente por atividades de conglomerados de comunicação em grande escala. [...] Conglomerados de comunicação expandiram suas operações para outras regiões fora de seus países originais; e parte dos interesses financeiros e industriais, dentro de explícitas políticas globais de expansão e diversificação, foi canalizado para a aquisição substancial de ações nos setores de informação e de comunicação. Através de fusões, compras ou outras formas de crescimento corporativo, os grandes conglomerados assumiram uma presença sempre maior na arena global do comércio de informação e comunicação (THOMPSON, 1998, p.143-144).

Todavia, essas mudanças estruturais não estão acontecendo apenas em veículos de comunicação de massa, mas também está acontecendo uma alteração comportamental de usos e interações graças as ferramentas que temos disponibilizadas na rede, o que é uma mudança proporcionada pela tecnologia. Assim, para Castells (1999, p.414) “o surgimento de um novo sistema eletrônico de comunicação caracterizado pelo seu alcance global, integração de todos os meios de comunicação e interatividade potencial está mudando e mudará para sempre a nossa cultura”. No entanto, a durabilidade, prestígio e sobrevivência desses aparatos ou ferramentas “vai depender da habilidade de arquitetar estratégias práticas para produção e comercialização de novos serviços de alta tecnologia via Internet, bem como através dos atuais canais de distribuição” (DIZARD, 2000, p.47).

Assim, “o fato de qualquer um ser capaz de produzir conteúdo só é significativo se outros puderem desfrutá-lo. O PC transformou todas as pessoas em produtores e editores, mas foi a Internet que converteu todo o mundo em distribuidores” (ANDERSON, 2006, p.52).

Porém, o processo de construção da notícia acontece de maneira diferente no broadcast em canais colaborativos na internet. Para Bowman e Willis (2003) o veículo primeiramente filtra as informações antes de publicá-la. Já a notícia na rede, a



# Anais do II Encontro Internacional Tecnologia, Comunicação e Ciência Cognitiva

Apoio: 



Volume 2, Número 1, Ano 2016  
ISSN: 2358-4513

informação é publicada, e posteriormente filtrada, isso acontece por causa da instantaneidade do canal. Para Silveira (2008 p.34) “as atuais regras de funcionamento da internet, qualquer pessoa, coletivo ou empresa pode criar novas soluções e conteúdos que possibilitem a obtenção das atenções e a elevação da audiência que ultrapasse a obtida pelos grandes grupos”. Entretanto, graças a falta de conhecimento das intenções do interagente, Manovich (2004) diz não há uma interação real entre o produtor da informação e o usuário. Por conta disso, o usuário também desconhece os interesses da informação. Para o sociólogo inglês Andrew Keen, em conteúdos informativos na rede, é difícil determinar o que é ou não ficção, e isso fazer com que a informação perca sua essência.

Partindo de outra perspectiva, o Andrew Keen argumenta que a colaboração dos interlocutores dilui a barreira entre o que é real e o que é ficção, tirando o foco da objetividade da informação. Nesse sentido, esse processo tende a “dificultar a determinação da diferença entre o artista e o marqueteiro (spin doctor<sup>7</sup>), entre a arte e propaganda, entre o amador e especialista. O resultado? O declínio da qualidade e da credibilidade da informação que recebemos” (KEEN, 2007, p.30-31).

No entanto, Gillmor (2005) acredita que quanto mais aberta for a produção da notícia para a participação dos usuários, mais democrático será o jornalismo. Para ele “as normas por que se regem as fontes, e não só os jornalistas, mudaram graças à possibilidade de toda a gente produzir notícias” (GILLMOR, 2005, p.55).

E esse é um fenômeno interessante, uma vez que “[...] várias pessoas (não apenas os jornalistas) escrevam e, sem a castração da imparcialidade, dão sua opinião, impedindo assim a proliferação de um pensamento único” (MOURA, 2002, p.1).

## **Tecnologias na Educação: Velhas questões e o Uso de Dispositivos Móveis**

Assim como no jornalismo, a educação também está sujeita as provocações causadas pelas novas tecnologias. Contudo, é importante ressaltar, que as tecnologias

---

<sup>7</sup> Função criada nos Estados Unidos para denominar um especialista que busca apenas efeitos positivos ou maior eficiência de mensagens políticas entre os jornalistas. Contudo, a crítica apresentada por Keen refere-se a popularização que o autor da informação pode ganhar independente de sua competência técnica para a produção da informação.



## Anais do II Encontro Internacional Tecnologia, Comunicação e Ciência Cognitiva

Apoio:  

Volume 2, Número 1, Ano 2016  
ISSN: 2358-4513

fazem parte da vida do homem desde as primeiras formas de convivência social. Muito embora a sociedade atual venha passando por diversas transformações com a inserção dos dispositivos tecnológicos de informação e comunicação, as tecnologias, independente da época, podem ser caracterizadas como agentes de transformação, reconfigurando hábitos e práticas, não sendo esse um atributo apenas das tecnologias digitais.

A disseminação das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) é evidentemente um traço marcante da sociedade atual. Lima Junior (2013) coloca que dois aspectos são responsáveis pela disseminação das TIC e, conseqüentemente, pelo grande impacto na sociedade: tornaram-se mais acessíveis, do ponto de vista econômico, e mais amigáveis, não é necessário ser um especialista para manuseá-las. A partir dessa afirmação, com o advento da Internet, das máquinas computacionais e recentemente do *mobile*, ferramentas tecnológicas de comunicação são incorporadas ao processo de ensino-aprendizagem. Conforme aponta Santaella (2010), a revolução digital está acarretando transformações por todos os níveis e facetas da existência humana, especialmente para os processos educacionais.

O uso de tecnologias de comunicação na educação vem muito antes dos computadores, seja nos laboratórios de informática ou dos *laptops* educacionais do projeto UCA – Um Computador por Aluno, do Governo Federal<sup>8</sup>. Os próprios computadores, segundo Dertouzos (1997) são usados para aperfeiçoar o ensino desde a década de 60.

De acordo com Paulo Freire e Sérgio Guimarães, em *Educar com a Mídia*, obra seminal sobre meios de comunicação e educação, reeditada em 2011, os meios de comunicação são ferramentas antigas no dia-a-dia da sala de aula. Rádio, televisão, cinema, videocassete, jornal, projetores, história em quadrinhos fizeram e ainda fazem parte dos recursos disponíveis tanto para professores quanto para alunos. Para os

---

<sup>8</sup> O Projeto Um Computador por Aluno (UCA) foi implantado com o objetivo de intensificar as tecnologias da informação e da comunicação (TIC) nas escolas, por meio da distribuição de computadores portáteis aos alunos da rede pública de ensino. O projeto complementou as ações do MEC referentes a tecnologias na educação, dentro do ProInfo. Posteriormente, o projeto passou a ser um programa, o Prouca (Programa Um Computador por Aluno) que foi um registro de preços do FNDE para que os estados e municípios pudessem comprar com recursos próprios ou com financiamento do BNDES os computadores portáteis. Instituído pela Lei nº 12.249, de 14 de junho de 2010, o Prouca tem por objetivo promover a inclusão digital pedagógica e o desenvolvimento dos processos de ensino e aprendizagem de alunos e professores das escolas públicas brasileiras, mediante a utilização de computadores portáteis denominados *laptops* educacionais.





## Anais do II Encontro Internacional Tecnologia, Comunicação e Ciência Cognitiva

Apoio:  

Volume 2, Número 1, Ano 2016  
ISSN: 2358-4513

autores, os meios de comunicação podem tanto ser incorporados como recurso didático quanto contribuir na formação dos indivíduos, abastecendo-os de informação.

Ainda, diante dos meios de comunicação disponíveis em 1983 (ano em que a obra foi escrita), Freire e Guimarães já alertavam também para conflitos apregoados com frequência na atualidade: a necessidade de mudança na postura da escola e dos modelos educacionais e as influências dos aparatos comunicacionais na tarefa de ensinar e aprender.

Sobre a influência de outros circuitos informativos no cotidiano da escola, Freire e Guimarães resgatam o conceito de “escola paralela”, “A escola paralela é constituída pelo conjunto dos circuitos graças aos quais chegam aos alunos (bem como aos demais), de fora da escola, informações, conhecimentos, uma certa formação cultural, nos mais variados domínios” (2011, p.27).

De acordo com esse conceito, esses outros canais de comunicação e informação que os professores não controlam são frequentados massivamente pelos alunos, não podendo, qualquer que seja a opinião, negligenciar o problema pedagógico e sociológico que eles colocam. Mas a questão crucial, para os autores “Trata-se de saber se a escola e a escola paralela vão se ignorar, comportar-se como adversárias ou se aliar” (2011, p.27).

Atribuir a essa obra o status de seminal, se deve ao fato de que Freire e Guimarães apontaram questões em outro contexto comunicacional, que ainda não contava com a diversificação de dispositivos, digitalização e computação ubíqua. Entretanto, os conflitos se mostram extremamente contemporâneos e continuam permeando as discussões quando o assunto é educação e comunicação.

Para Freire e Guimarães a apropriação dos meios de comunicação para fins de ensino-aprendizagem é perfeitamente possível e benéfica, sejam estes analógicos ou digitais. Porém, esta apropriação requer planejamento e esforço para que possa de fato ser útil e representar um diferencial. O uso de aparatos de comunicação pode ser uma alternativa para renovação de metodologias e ampliação do espaço e tempo de aprendizagem.

Segundo Freire e Guimarães, essa percepção já existia, no entanto é reconfigurada com a chegada das TIC, que tem características diferentes dos meios



## Anais do II Encontro Internacional Tecnologia, Comunicação e Ciência Cognitiva

Apoio:  FAPESP



Volume 2, Número 1, Ano 2016  
ISSN: 2358-4513

massivos, como rádio e televisão, como a intensidade do fluxo comunicacional, pois se tratam de meios bidirecionais “de todos para todos”, em que a informação pode ser acessada e compartilhada de múltiplos dispositivos. Don Tapscott (1999), que avalia o impacto das mídias digitais no ensino-aprendizagem, ressalta essa característica das novas tecnologias, a natureza distribuída, interativa, de “muitos-para-muitos”.

Tendo em vista esse cenário, Louis Porcher, que participou do livro de Freire e Guimarães, faz uma importante observação “Transformar a informação em conhecimento, esse era o problema, esse passava a ser o problema deles, professores, e não o de levar informação, porque a informação chegava por outro lado” (2011, p.172).

Sobre as TIC e o professor, Muniz Sodré tem visão semelhante “não há dúvida de que as tecnologias da comunicação e da informação impõe uma revisão do estatuto tradicional do professor” (2012, p.202). Uma grande questão que figura com a profusão de novas tecnologias e dispositivos comunicacionais é justamente o papel do professor. A respeito do assunto, Sodré pondera “O lugar do professor permanece, entretanto, como o de agente motivador e guardião dos modos de compreensão e significação dos saberes concretos” (2012, p.201).

No Brasil, se tratando da Educação Pública, algumas iniciativas no uso de tecnologias de informação e comunicação foram adotadas, as telessalas (vídeo), laboratórios de informática através do Programa Nacional de Tecnologia Educacional (ProInfo) – um programa educacional do MEC com o objetivo de promover o uso pedagógico da informática na rede pública, mais recentemente tivemos o UCA - Um Computador por Aluno, programa do Governo Federal que utiliza *laptops educacionais*, e em 2012 o Governo Federal começou uma política de aquisição e distribuição de *tablets* para escolas públicas, não dando continuidade ao UCA.

No cenário atual, podemos destacar o crescimento dos dispositivos móveis, em especial, celulares e *smartphones*. Disseminados, portáteis, familiares e multimídias, os dispositivos móveis tem possibilitado alternativas que podem ser exploradas também para o ensino-aprendizagem. Diante desses aspectos, incorporar os dispositivos móveis nesse processo se mostra como uma boa alternativa se tratando do uso de TIC na Educação.



## Anais do II Encontro Internacional Tecnologia, Comunicação e Ciência Cognitiva

Apoio:  FAPESP



Volume 2, Número 1, Ano 2016  
ISSN: 2358-4513

Os atributos do uso de celulares e *smartphones* para fins educacionais são a familiaridade, por serem consideradas tecnologias presentes e amigáveis, a portabilidade, que permite levá-los para qualquer parte, o aspecto cognitivo, por propiciar o contato com uma gama de recursos em vários formatos (texto, som, imagem, vídeo) e a conectividade, que amplia o acesso à informação e contribuí para a colaboração e compartilhamento, são atributos colocados como potencializadores do processo de ensino-aprendizagem.

Em uma experiência no uso de celulares no ensino da disciplina de educação física, para o registro de jogos e para a posterior análise de lances, movimentos e passes, Sena e Burgos (2010) destacam além da disseminação, o fato do celular ser um aparelho multimídia. Ainda, Sena e Burgos ressaltam os aspectos atratividade e contextualização do processo a partir da apropriação desta tecnologia.

Adelina Moura (2009), pesquisadora portuguesa que se dedica a pesquisas sobre o uso de dispositivos móveis para aprendizagem, classifica o celular como um computador portátil, que permite trabalhar, aprender e nos organizar onde quer que estejamos (2009). Uma das características fundamentais para que seja possível, aprender em outros espaços que não a escola, se deve a portabilidade desse aparato “As tecnologias móveis ampliam o tempo e o espaço de estudo ao quebrar as barreiras temporais e espaciais, visto que o aluno pode aceder ao material de estudo em diversos momentos e contextos” (MOURA; CARVALHO, 2009, p.36).

De acordo com o *Policy Guidelines for Mobile Learning* (2013), um guia que recomenda o uso de dispositivos móveis para o ensino-aprendizagem, publicado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), os motivos para a apropriação desses aparatos são, além da popularização: permite que se aprenda em qualquer hora e lugar; dá suporte a aprendizagem *in loco* e provê avaliação e *feedback* imediatos. Nesse aspecto, a UNESCO tem sido grande incentivadora no uso de dispositivos comunicacionais móveis pela Educação, com destaque para o celular. O *Policy Guidelines for Mobile Learning*<sup>9</sup> traz 10 recomendações em que tenta ajudar governos a implantarem tecnologias móveis nas salas de aula. O guia foi apresentado em Paris, na França, durante a *Mobile Learning Week*, constam nele além das

---

<sup>9</sup> Orientações Políticas para a Aprendizagem Móvel.



# Anais do II Encontro Internacional Tecnologia, Comunicação e Ciência Cognitiva

Apoio:  

Volume 2, Número 1, Ano 2016  
ISSN: 2358-4513

recomendações, 13 motivos para o uso de dispositivos comunicacionais móveis pela educação.

Uma análise feita pela pesquisa *Perspectivas Tecnológicas para o Ensino Fundamental e Médio Brasileiro* (2012), que faz parte do *Horizon Report*, um relatório produzido pela NMC (*New Media Consortium*), que tem como objetivo ajudar a informar os líderes educacionais brasileiros sobre importantes desenvolvimentos em tecnologias de apoio para o ensino, aprendizado e pensamento criativo no ensino Fundamental e Médio, colocou celulares e *tablets* num horizonte de um ano ou menos para que sejam adotados pelas escolas. No entanto, diferentemente dos *tablets*<sup>10</sup> ou como foi com o projeto UCA, no caso dos celulares não há uma perspectiva ou projeto por parte do Governo incentivando o seu uso. As iniciativas com uso de celulares e *smartphones* são práticas independentes, realizadas por instituições e professores.

Este último aspecto é apontado também pelo estudo *Aprendizagem Móvel no Brasil*, realizada pelo Centro de Estudos Brasileiros da Universidade de Columbia (ROSA; AZENHA, 2015). Para os gestores, os celulares não são colocados como possíveis ferramentas de ensino-aprendizagem, embora sejam extremamente familiares e já tenham sido adquiridos, e dessa maneira não demanda investimentos para obtenção. Já a Internet Móvel, é vista apenas como uma alternativa que complementa a falta de rede ou *Wi-fi* nas escolas. Outro ponto importante destacado pelo estudo, é que a tecnologia na Educação não pode ser vista como forma de premiar o aluno e valorizar o professor, apenas o fato de adquirir e distribuir tecnologia não implica em qualidade imediata do processo educativo.

## Considerações Finais

Embora possam ser consideradas áreas distintas, o Jornalismo e a Educação desde sempre estão sujeitas as implicações tecnológicas criadas ao longo do tempo, assim como também acontece com outras áreas. Tapscott (1999) coloca que as tecnologias digitais podem ser usadas para o entretenimento, aprendizado, comunicação,

---

<sup>10</sup><http://info.abril.com.br/noticias/tecnologia-pessoal/mec-distribuiu-tablets-para-escolas-em-2012-01092011-41.shl>



## Anais do II Encontro Internacional Tecnologia, Comunicação e Ciência Cognitiva

Apoio:  FAPESP



Volume 2, Número 1, Ano 2016  
ISSN: 2358-4513

comércio, entre outras áreas. Sendo assim, a tecnologia pode representar impacto em diversos âmbitos, não sendo diferente com os campos analisados neste artigo.

A tecnologia perpassa a sociedade como um todo, um elemento propulsor de transformações em diferentes medidas. No caso das TIC e das áreas estudadas:

As Tecnologias de Comunicação e Informação (TIC), principalmente com sistemas provenientes das áreas da Engenharia e da Ciência da Computação, não só forneceram nova estrutura tecnológica comunicacional para produção de conteúdo, como também impulsionaram o surgimento de fluxos informativos e suas diversas formas de distribuição (LIMA JÚNIOR, 2013, p.95).

Lima Júnior também resalta para a atenção que pesquisadores da área de Comunicação Social têm dado a temáticas que envolvem as TIC. Assim como aconteceu com a sociedade, o deslumbramento sobre o alcance social e as possibilidades tecnológicas das TIC também atingiu o campo da pesquisa em comunicação:

É grande a quantidade de trabalhos acadêmicos, na área da Comunicação Social, que possuem como objeto de pesquisa aparatos e/ou sistemas digitais conectados. Seja pelo enfoque da apropriação tecnológica dos mesmos, passando pela criação de uma nova cultura a partir da utilização deles, até a análise descritiva do funcionamento das interfaces, narrativas e interações (2012, p.6).

Dessa forma, o que aqui se intentou apresentar foi uma reflexão em torno das tecnologias – nas práticas jornalísticas e educacionais – que traz à tona questões que merecem a consideração e que afetam a sociedade. Assim como temos consciência que o presente artigo apresenta apenas alguns aspectos dessa relação, que é muito mais ampla e vai além desse recorte.

Reflexões que abarcam a discussão sobre as implicações de tecnologias de informação e comunicação, precisam ter cada vez mais espaço, pois são importantes para compreensão de várias questões sobre os impactos sociais que essas tecnologias produzem, tendo em vista que, na visão de Squirra:

A tecnologia é concretamente observável em nossas casas, inserida em nossas roupas, nas consultas médicas, nos vasculham internamente e, em futuro já programado, estará embutida nos corpos humanos. Encontra-se no dia-a-dia de todo tipo de trabalho, lazer e interações sociais (2008, p.163).



# Anais do II Encontro Internacional Tecnologia, Comunicação e Ciência Cognitiva

Apoio:  

Volume 2, Número 1, Ano 2016  
ISSN: 2358-4513

Nos casos do jornalismo e da educação, como vimos há um viés interdisciplinar que as une. Embora ambas tratem de usos tecnológicos, é preciso entender que a produção de informação ainda se dá pelo ser humano, e nada melhor do que potencializar pessoas, através do uso de ferramentas tecnológicas e comunicacionais, para que no futuro possam produzir, criticar, e compartilhar conteúdos de maneira mais clara, sabendo avaliar o valor da informação e, visando, principalmente o melhor sentido da comunicação.

## Referências bibliográficas

ANDERSON, Chris. **A cauda longa**. Rio de Janeiro: Campus, 2006.

BELOCHIO, Vivian. **A cauda longa da informação e suas implicações no jornalismo**: estratégias comunicacionais, remediação e des-re-territorialização. Anais do VI Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo – SBPJor, UMESP, São Paulo, 2008.

BOWMAN, Shayne e WILLIS, Chris. **We Media - How audiences are shaping the future of news and information**. Disponível em: <[http://www.hypergene.net/wemedia/download/we\\_media.pdf](http://www.hypergene.net/wemedia/download/we_media.pdf)>.

BRAMBILLA, Ana Maria. **Jornalismo open source**: discussão e experimentação do OhmyNews International, 2006. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação), Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, UFRGS, 2006.

CASTELLS, M. **Inovação, liberdade e poder na era da informação**. Conferência do autor no V Fórum Social Mundial, em Porto Alegre, 2005. In: MORAES, Denis (org.). Sociedade Midiatizada. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

\_\_\_\_\_. **A era da informação**: economia, sociedade e cultura. Vol 1: a sociedade em rede. 9. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

DERTOUZOS, Michael. 1997. **O que será**. São Paulo: Cia. das Letras.

DIZARD JUNIOR, Wilson. **Nova mídia**: a comunicação de massa na era da informação. Rio de Janeiro: Zahar, 2000 (2ª ed.).

FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. 2011. **Educar com a mídia**: novos diálogos sobre educação. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 238 p.

GIDDENS, Antony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora da UNESP, 1990.

GILLMOR, Dan. **Nós, os media**. Lisboa: Editorial Presença, 2005.



## Anais do II Encontro Internacional Tecnologia, Comunicação e Ciência Cognitiva

Apoio:  

Volume 2, Número 1, Ano 2016  
ISSN: 2358-4513

KEEN, Andrew. **The cult of the amateur**: how today's internet is killing our culture. New York: Currency Book, 2007.

LEMOS, André. **Mídia Locativa e Território Informacional**. In: Compós, 2007, Curitiba. Disponível em: <<http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/lemos/artigos.html>>.

LIMA JÚNIOR, Walter Teixeira. **Mídia Social Conectada**: produção colaborativa de informação de relevância social em ambiente tecnológico digital. Anais do VII Encontro Nacional de pesquisadores em Jornalismo – SBPJor, USP, São Paulo, 2009.

\_\_\_\_\_. Intersecções possíveis: tecnologia, comunicação e ciência cognitiva. *Comunicação & Sociedade*, v. 34, p. 93-119, 2013.

MANOVICH, Lev. **Quem é o autor?** Sampleamento, remixagem, código aberto. In: Brasil, André et al. *Cultura em fluxo: novas mediações em rede*. Belo Horizonte: Editora PUC-Minas, 2004.

MCCOMBS, Maxwell .E.; SHAW, Donald.L. **The Agenda-Setting Function of Mass Media**. *Public Opinion Quarterly*, Summer, 1972.

MONTEIRO, E. P.; PINHO, J. B. **Limites e possibilidades das tecnologias da informação e comunicação na extensão rural**. *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação - Intercom*. São Paulo, v.30, n.2, 2007.

MOURA, Adelina. Geração. 2009. Móvel: um ambiente de aprendizagem suportado por tecnologias móveis para a “Geração Polegar”. Disponível em: <<http://adelinamouravita.com.sapo.pt/gpolegar.pdf>>. Acesso em: 17 mai.2012.

MOURA, Adelina; CARVALHO, 2009. Ana Amélia. Peddy-paper literário mediado por telemóvel. **Educação, Formação & Tecnologias**, vol.2, pp. 22-40. Disponível em: <<http://eft.educom.pt>>. Acesso em: 31 mai.2012.

MOURA, Catarina. **Jornalismo na era Slashdot**. *Biblioteca Online de Ciências da Comunicação*, 2002.

NEUMANN, Elisabeth Noelle. **Return to the Concept of Powerful Mass Media**. In: *Studies of Broadcasting*. Tokio: Hirosuke Eguchi and K. Sata, 1973.

Perspectivas Tecnológicas para o Ensino Fundamental e Médio Brasileiro De 2012 A 2017: Uma análise regional por NMC Horizon Project. 2012. Austin, Texas: The New Media Consortium Estados Unidos. Disponível em: <<http://www.educahub.com.br/wp-content/uploads/2012/12/conteudo-flipbook.pdf>>. Acesso em: 26 nov.2012.

PRIMO, Alex; TRÄSEL, Marcelo. **Webjornalismo participativo e a escrita coletiva de notícias**. *Contracampo*, Niterói, v.14, 1º semestre/2006.



## Anais do II Encontro Internacional Tecnologia, Comunicação e Ciência Cognitiva

Apoio:  

Volume 2, Número 1, Ano 2016  
ISSN: 2358-4513

ROSA, Fernanda R. AZENHA, Gustavo S. **Aprendizagem móvel no Brasil: gestão e implementação das políticas atuais e perspectivas futuras.** São Paulo: Zinnerama, 2015.

SANTAELLA, Lúcia. **A aprendizagem ubíqua substitui a educação formal?** RECET, n° 1, vol.2, out. 2010.

SENA, Dianne; BURGOS, Taciana. 2010. **O computador e o telefone celular no processo ensino-aprendizagem da educação física escolar.** In: 3º Simpósio Hipertexto e Tecnologias na Educação, 2010, Pernambuco. Anais Simpósio Hipertexto. Disponível em: <<http://www.ufpe.br/nehete/simposio/anais/Anais-Hipertexto-2010/Dianne-Sena-Taciana-Burgos.pdf>>. Acesso em: 17 mai.2012.

SILVEIRA, Sérgio Amadeu. **Convergência digital, diversidade cultural e esfera pública.** In: PRETTO, Nelson De Luca; SILVEIRA, Sérgio Amadeu da. (orgs.). Além das redes de colaboração: internet, diversidade cultural e tecnologias do poder. Salvador: EDUFBA, 2008.

SODRÉ, Muniz. 2012. **Reinventando a Educação.** Diversidade, descolonização e redes. Petrópolis: Vozes, 280 p.

SQUIRRA, S. **Cibercomunicação.** In: MELO, José Marques (org.). O campo da Comunicação no Brasil. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

TAPSCOTT, Don. 1999. **Geração digital: a crescente e irreversível ascensão da geração Net.** São Paulo: Makron Books.

TASCHNER, Gisela. **Folhas ao vento: análise de um conglomerado jornalístico no Brasil.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna: Teoria social crítica na era dos meios de comunicação.** Petrópolis: Vozes, 1995.

\_\_\_\_\_. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia.** Petrópolis: Vozes, 1998.

UNESCO. **Policy Guidelines for Mobile Learning.** 2013. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0021/002196/219641E.pdf>>. Acesso em: 28 fev.2013.